

A HEGEMONIA COMERCIAL INGLESA NO PRATA: UMA PERSPECTIVA DA CULTURA MATERIAL

Maurí Luiz Bessegatto¹; Prof. Dr. Saul Eduardo Seiguer Milder²

- 1 - Acadêmico do curso do Mestrado em Integração Latino-Americana (MILA), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Graduado em História Licenciatura Plena pela UNIJUÍ; Especialista em Educação e em Arqueologia (titulação em processo) – Rua Marechal Floriano Peixoto, 90/05 – Santa Maria/RS – CEP 97043-340 – mauriluz@terra.com.br
- 2 - Professor responsável pela disciplina de *Etnohistória da Região Platina* do curso de Mestrado de Integração Latino-Americana (MILA), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Coordenador do Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas - LEPA - Departamento de História – Universidade Federal de Santa Maria – Rua Marechal Floriano Peixoto, 1184 – Antiga Reitoria – Santa Maria/RS – CEP 97015-372 – milder@smail.ufsm.br

Palavras-chave: História, Arqueologia, Cultura Material, Geografia, Bacia Platina
Área do Conhecimento: Ciências Humanas

RESUMO

Visamos empreender uma análise do fluxo comercial inglês na Bacia do Prata, no século XIX, a partir da cultura material de sítios arqueológicos, onde as evidências recuperadas, por pesquisas efetuadas pelo Laboratório de Estudos e Pesquisa Arqueológica – LEPA – que formam um conjunto de matéria possível de estudos como testemunhos históricos para a compreensão referente à vida cotidiana de grupos humanos pretéritos. Para tal, neste ensaio, procuramos fazer uma análise geral da louça produzida no século XIX, pois em escavação arqueológica conduzida na fronteira oeste do Rio Grande do Sul, com o Uruguai e Argentina, já se verificou que se têm nos fragmentos de louça, os principais vestígios recuperados. Assim, queremos é dar um início, uma base reflexível que, evidentemente não estará concluída. Assim, formulamos aqui estas reflexões, não para extrair respostas, mas para estimular reflexões e futuras teses.

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre cultura material têm ganhado espaço não somente na área da Arqueologia bem como da História Cultural.

As pesquisas desenvolvidas pela LEPA nos últimos 07 anos têm contribuído para uma maior entendimento do processo de aquisição de bens e sua circulação dentro da fronteira lusa- espanhola. As principais atividades de pesquisa de campo foram desenvolvidas em São Martinho da Serra. Nesse município que até 1801 pertencera a Espanha foram escavados o

Forte de San Martin (1756-1801) e o casarão dos Mello (1812-1980). As coleções resultantes destas pesquisas já foram objeto de dissertações de mestrado e presentemente são objetos de uma tese de doutoramento na USP. Outro sítio relevante para o contexto platino é a Estância Velha do Jarau, no município de Quaraí, na fronteira com o Uruguai. Os trabalhos desenvolvidos nesse sítio arqueológico possibilitaram um maior entendimento sobre o funcionamento das estâncias no século XIX. A Estância Velha do Jarau foi fundada em 1812 e ficou ativa até 1903.

O conjunto material resgatado nas atividades possibilita então inferências sobre

status, relações sociais, rotas de comércio etc. A base principal desse projeto esta na singularidade de cada local pesquisado: São Martinho no centro do Rio Grande do Sul, próxima a Rio Pardo (grande centro comercial e militar) e Quaraí, que embora esteja em território brasileiro, voltava-se para Montevideú.

Embora seja notório e sabido que o comércio platino foi dominado pela Inglaterra, ainda é objeto de discussão como as comunidades tinham acesso aos produtos metropolitanos e como esses produtos eram ideologicamente utilizados pelos grupos que a eles tinham acesso.

JUSTIFICATIVA

Este ensaio tem sua justificativa, quando leva em consideração que os elementos materiais de um grupo humano do passado podem apresentar-se como uma fonte que não pode ser distorcida segundo os interesses e valores das pessoas que a produziram. As evidências recuperadas nas pesquisas arqueológicas possibilitam a reconstrução de um quadro mais amplo sobre os modos de vida e o cotidiano de grupos domésticos do passado.

O estudo tipológico dos artefatos coletados de uma unidade residencial e de seu entorno recupera o comportamento combinado de aquisição e deposição de todos os moradores da casa e, eventualmente o comportamento dos mesmos.

Nesse sentido a análise adentra num campo onde é possível relacionar as informações retiradas das fontes documentais e as fontes materiais.

As evidências arqueológicas coletadas dos fundos de uma casa são evidências de atividades cotidianas de um determinado grupo social e exclusivamente doméstico em sua interação com um grupo maior.

Conforme Symanski (1998) [5] para compreendermos essas atividades, ligadas à produção e reprodução social, consumo e socialização, a partir dos elementos materiais da cultura, consideramos a existência de uma interação entre esses elementos e os grupos domésticos a eles relacionados.

Ainda nesse ponto, os artefatos são imbuídos de significados que o arqueólogo busca compreender através de hipóteses e inferências que possibilitem relações que se ajustem aos dados levantados nas pesquisas.

Em sítios históricos do século XIX como é a Casa dos Mello, a escavação arqueológica conduzidas tem seguramente nos fragmentos de louça os principais vestígios recuperados.

Escavações arqueológicas conduzidas em sítios do século XIX, em todo o Brasil, trazem à luz quantidades impressionantes dessas faianças. As formas e os padrões decorativos recuperados correspondem exatamente aos tipos produzidos pelas manufaturas inglesas, descritas acima, de tal maneira que o país bem poderia ter sido incluído na enumeração de Saint Font, encabeçando-a como um dos mercados mais receptivos aos produtos ingleses. Todas essas categorias encontram-se representadas com grande popularidade nas unidades domésticas brasileira e, em particular, do Rio de Janeiro.

Na sua quase totalidade, esses cacos correspondem a peças diversas de serviços de jantar, chá e café, como pratos (rasos, fundos, sobremesa), xícaras, pires, malgas, canecas, tigelas, terrinas, travessas, bules, açucareiros em uma variedade de padrões decorativos.

A freqüência impressionante de centenas de fragmentos necessita uma reflexão sobre os possíveis significados desses artefatos para os grupos que os incorporou com tanta intensidade à sua vida cotidiana.

Na literatura especializada norte-americana dos anos 80, elas foram intensamente estudadas como indicadores de status sócio-econômico, acompanhando a onda de estudos sobre o assunto.

ESPAÇO GEOGRÁFICO EM QUESTÃO: O CAMINHO

A Bacia Hidrográfica do Prata foi uma região de grande fluxo comercial, especialmente no século XIX, quando a Inglaterra exerceu um comércio hegemônico, e só o foi porque é um *caminho*. E um

caminho só existe se há nele a possibilidade de percorrê-lo, de se poder *caminhar*, ou seja, somente iremos caminhar num local com possibilidades da *caminhada*.

Problemas, como as oposições historicamente situadas entre materialismo e idealismo, entre racionalismo e empirismo, entre positivismo e relativismo e outras tais, podem ser observados nas discussões acerca da definição etimológico-epistemológica da palavra 'caminho'. Mesmo uma das discussões paradigmáticas mais antigas e, simultaneamente, mais contemporâneas, sobre se a História é um ato de reconstrução ou um ato de reconstituição, poderia ser abordada de novas e férteis maneiras se os interlocutores se dispusessem a admitir as similaridades conceituais entre uma 'caminhada' e um processo 'histórico'. (CAMARGO, 1996: 23/ 24). [o grifo é meu]. [3]

Existindo a possibilidade da caminhada, este caminho comercial inglês existiu porque foi utilizado. Sendo assim, está caminhada histórica este processo que da qual a Inglaterra e os habitantes da região platina se valera neste espaço geográfico viscoso e a sua dimensionalidade temporal em questão. É plausível aqui afirmar que a região platina é uma região deslizante através do leito de suas águas e terras nem sempre plácidas, compondo um cenário plástico com a monumental presença de atores territoriais nesta caminhada.

É plausível aqui afirmar que a região platina é uma região deslizante através do leito de suas águas e terras nem sempre plácidas, compondo um cenário plástico com a monumental presença de atores territoriais nesta caminhada.

O historiador Fernando Camargo [3] nos afirma que na confluência do rio Paraná com o rio Uruguai é que forma o rio da Prata, ponto por onde muito se entrou e se saiu, junto a Buenos Aires.

É neste lugar onde o rio da Prata desemboca, que chegam águas de uma prodigiosa composição de entrelaçamento de arroios, córregos, que dão a este corpo feminino denominado de Bacia do Prata. Segundo o psicanalista Contardo Calligaris [2], a paixão por esta terra se confunde com a paixão por uma mulher e/ou homem e é algo que não compromete nenhum dos dois amores. Aliás, esta região do Prata, para nós, talvez seja destinada a ser amada como um corpo feminino.

Lembramos que as águas dos diversos rios que compõem a bacia hidrográfica do Prata agem como se passassem a língua nas terras que os circundam. E esta lambida não é sem razão, ou por motivo frívolo, não! As águas deslizantes dos rios ao atingirem de passagem ou de leve ou com maior intensidade, nas margens de seus leitos, deixam as terras adjacentes oferecendo algo, que se pode dizer, como um intento de *agradecimento, retribuição, mimo, regalo...* ou seja algo inerentes e próprias da natureza. Esta dádiva, que para o antigo Império Romano, eles tinham uma Deusa própria, ou seja, a *Ceres*, a deusa protetora dos campos de cereais, e aqui na região do Prata "*ela se faz presente*" e também deixam terras com um lidar artístico e industrial do tratamento e criação do gado, enfim, fazendo render neste espaço geográfico, um local propício aos demais trabalhos econômicos das quais as terras estão subordinadas.

O meio geográfico da qual se inserem os rios que desembocam no rio da Prata, portanto, a toda esta área da Bacia do Prata, é envolvido em um ecossistema, "*com predominância de campos subtropicais e vegetação de cerrados, propícios à pecuária, à agricultura e a ocupação humana*". (CAMARGO, 1996:27). [o grifo é meu]. [3]

No mapa¹ a seguir, observa-se a bacia hidrográfica do Prata em sua aproximada extensão geográfica dentro da

¹ Mapa adaptado da idéia original do historiador Fernando Camargo, presente na p.17 da obra "Britânicos no Prata – Caminhos da Hegemonia" [3]

América do Sul, que corresponde a uma área de aproximadamente de quatro milhões de quilômetros quadrados.



CULTURA MATERIAL: Conceituação e definições

O conjunto da cultura material possui evidentemente um significado, entretanto, este significado não lhe é inerente e deve ser buscado nas relações entre os componentes do sistema ao qual ela está integrada. Sendo assim, o processo de expansão da produção e comércio das louças não foi um fato isolado. As mudanças na cultura material somaram-se à progressiva complexidade do ritual do jantar, ao protocolo paulatinamente mais rígido, a cada vez mais intrincado codificação dos gestos e dos movimentos do corpo, atestando a reordenação de todo o subsistema alimentar. (Rede: 1996)[4]

O movimento geral no sentido de uma maior individualização e especialização, ocorrido ao longo do século XIX, atingiu também o domínio da alimentação, em todas as suas expressões, como foi visto. Entre elas o equipamento de mesa, que se diversificou consideravelmente: novas formas foram inventadas e adaptadas a funções antes preenchidas por implementos multifuncionais, sofisticando sobremaneira o aparato destinado ao consumo de alimentos.

Os aparelhos de jantar completos, compreendendo travessas rasas e fundas em diversos modelos, sopeiras, molheiras, jarras, fruteiras, cremeiras, etc. tornaram-se uma exigência do novo estilo de servir, assim como os três formatos diferentes dos pratos de comer - fundos, rasos e sobremesa - uma

adequação ao modelo prevalecente da refeição em três cobertas.

A nova compartimentação da unidade doméstica e o surgimento da sala de jantar; a especialização do seu mobiliário e adequação às funções de exibir e guardar alfaias, oferecer e ingerir alimentos; sua disposição e ordenação espacial; as alterações de servir e na estrutura da refeição; as formas de comportamento a mesas e a sofisticação do seu equipamento, todas essas mudanças na cultura material foram parte do mesmo processo, tendo sido socialmente produzidas para transmitir mensagens.

A revolução de consumo provocada pela descoberta de um material muito mais barato e de efeito semelhante ao da porcelana diminuiu consideravelmente a eficácia da louça como marcador de classe. Em meados do século, as faianças decalcadas em azul e branco - disseminadas por "todos os pontos do globo" e por todas as mesas - desqualificaram-se totalmente. Assim sendo impôs-se encontrar, no âmbito do próprio sistema de alimentação, um sucedâneo que deixasse bem marcadas as fronteiras entre os bem-nascidos e os arrivistas, tão ou mais suficientes que a louça.

Na periferia do processo (avanço da classe burguesa), o Brasil recebeu na primeira metade do século o impacto brutal da expansão das manufaturas inglesas, após a abertura dos portos. O país foi inundado pelas exuberantes faianças decalcadas e em sua ânsia de identificação com os valores francos-ingleses, em busca de reconhecimento, a sociedade foi absorvendo gradativamente as formas de comportamento delas em indissociação.

A intensificação do processo de industrialização e a conseqüente massificação no fabrico de bens de diversas naturezas jogaram no mercado uma ampla variedade de novos produtos. Artigos de luxo, até então exclusivos das classes superiores, ganharam simulacros produzidos a custo muito inferior, o que permitiu uma extraordinária difusão desses bens entre os segmentos menos privilegiados, provocando uma verdadeira explosão de consumo.

A porcelana de Macau (a designação “louça de Macau” é mais apropriada para essa variedade cerâmica, posto que o termo “porcelana” está estreitamente associado a uma mais alta qualidade e custo, não sendo condizente, portanto, com essas louças orientais de baixo valor. A denominação porcelana, contudo foi mantida como artifício para diferenciá-las das faianças finas européias), porcelana proveniente da China. No século XIX essa louça foi produzida em massa para a exportação, o que prejudicou sua qualidade. Brancante (1981)[1], porém, observa que sob esta denominação genérica eram comercializados desde serviços finos até peças grosseiras, designadas por “Macaus de carregaço”. John Mawe, viajante inglês que esteve no Brasil em 1808, observou que esta porcelana chinesa mais grosseira “... vinha como lastro no fundo dos navios e se julgava indigna de aparecer nas mesas da aristocracia e da burguesia opulenta, era relegada ao uso dos empregados e dos dependentes de baixa situação social”.

Apesar de sua comercialização ter sido completamente interrompida, no Brasil, durante o segundo quartel do século XIX, esta louça ainda é arrolada no já citado inventário do Visconde de São Leopoldo, datado de 1848, sob a denominação de “porcelana de macau” por um valor superior ao da faiança fina decorada.

A porcelana decorada: apresenta traços dourados e fitomorfos verdes. Embora não tenha marca de fabricação, o contexto de deposição desta peça indica seu uso durante o último quartel do século XIX.

A porcelana branca, sem decoração: porcelana de espessura muito fina, semelhante à casca de ovo. Pode se tratar de uma variante de “eggshell” japonesa, uma porcelana barata que foi produzida para exportação a partir do último quartel do século XIX, porém estas se caracterizam por serem altamente decoradas sobre o esmalte. Observações: A faiança fina foi o tipo mais encontrado no Solar Lopo Gonçalves. Vários fatores explicam a popularidade desse tipo: Em primeiro lugar, ela estava desde o final do século XVIII sendo fabricada em massa pela Inglaterra, para exportação, de modo que seu preço acessível permitiu que fosse amplamente consumida.

INVENTÁRIOS:

O estudo de alguns inventários do último quartel do século passado, confirma a progressiva substituição da exuberante louça azul e branca por um estilo mais sóbrio, totalmente branco ou com decoração com friso de cor ou dourados. Os serviços azuis e brancos começaram a aparecer nos arrolamentos como incompletos, desfalcados, enquanto os brancos eram descritos como completos, íntegros.

Anúncios publicados no Almanak Laemmert (1858), na segunda metade do século XIX, ofereciam “aparelhos de mesa, sobremesa, chá, café e almoço”, completos, mas também em peças avulsas, de tal maneira que uma mesma residência podia ter uma grande variedade de tipos decorativos, sem um investimento muito alto.

Nos registros arqueológicos da primeira metade do século XIX, constatou-se o predomínio da louça branca de baixa qualidade, das peças decalcadas em azul e outras tonalidades, as quais parecem diminuir na segunda metade do século XIX. Em compensação, a branca aumenta de forma, surgem formas mais requintadas e serviços completos de mesa em pastas mais resistentes como a *ironstone* e de melhor qualidade e maior preço, como a porcelana.

O contexto: O porquê da quantidade de louças em alguns sítios:

Necessitando expandir cada vez mais seus mercados consumidores, os ingleses, valendo-se da conjuntura favorável criada pela transferência da corte portuguesa para o Brasil, despejaram maciçamente seus produtos no Brasil.

Conforme Marcelo Rede (1996)[4], materialidade é um atributo inerente, mas que, porém, não esgota o objeto culturalmente considerado. Do contrário, tomado por suas características físicas, o objeto informaria apenas sobre a sua própria materialidade. Logicamente, mesmo as características físicas são resultado de um processo social que atua desde a seleção da matéria-prima.

É justamente por não se limitarem aos seus ingredientes materiais que as coisas tem um papel que excede ao de quadro físico da vida social. Tal distinção seria inconcebível. O universo material não

se situa fora do fenômeno social, emoldurando-o, sustentando-o. Ao contrário, faz parte dele, como uma de suas dimensões e compartilhando de sua natureza, tal como as idéias, as relações sociais e instituições. Para o autor, aí está a dimensão do termo cultura material, além das ambigüidades possíveis, denota-se que a matriz cultural e, inversamente que a cultura possui uma dimensão material.

Portanto, como a cultura não é um segmento do fenômeno social, mas uma dimensão extensiva sua, não se poderia isolar uma seção que não fosse exclusivamente. Desse modo, a questão da cultura não pode ser dissociada daquela da materialidade, sob o risco de lhe conferir um caráter fantástico (Rede, 1996: 274)[4]. Enfim, a cultura material é, por excelência, matriz e mediadora de relações.

É uma ilusão pensar que um objeto incorpora seus atributos morfológicos, fisiológicos e semânticos em um único ato criador e os mantém por toda a sua trajetória. A este respeito, duas implicações impõem-se ao historiador:

Em primeiro lugar, em face de uma trajetória em que o próprio objeto perde e incorpora atributos, em que atravessa redes de significados que o classificam e reclassificam em categorias constituídas culturalmente, não se trata mais de desvendar características perenes, mas de identificar as alterações e explicar suas razões. Pela sua própria materialidade, os objetos perpassam contextos culturais diversos e sucessivos, sofrendo reinserções que alteram sua biografia e fazem deles uma rica fonte de informação sobre a dinâmica da sociedade. É preciso investir no entendimento dessa cadeia mutável para incorporar a cultura material em sua plenitude documental. Ao invés de lamentar a perda de supostos traços originais, deve-se fazer dela objeto de estudo: por que uma sociedade opera transformações nas formas, funções e sentidos da cultura material?

O trabalho com a cultura material não exige apenas disposição de alargar o espectro documental; implica também uma mudança de raciocínio, que habilite pensar outros problemas ou os mesmos problemas de outra forma.

Uma solução consistente ao problema da inserção da cultura material no processo de produção do conhecimento histórico não poderá partir, no entanto, da defesa de sua superioridade ou da exclusão dos documentos escritos. Ao contrário, tem-se apontado para uma perspectiva de combinação, que excede à simples sobreposição de informações provenientes dos dois campos de análise e induz à sua interação mútua e controle recíproco.

Trata-se muito de objetos ou artefatos, mas a cultura material tem uma dimensão mais ampla e diversificada, envolvendo todo o segmento físico socialmente integrado.

Marcelo Rede [4] critica os autores Steven Lubar e W. Kingery, os quais manifestam a intenção de superar fronteiras e descobrir bases comuns entre as áreas e os autores envolvidos na interpretação da cultura material.

A crítica reside em especial, a compartimentação, que é responsável por perdurarem noções de cultura que não oferecem um lugar adequado à cultura material. A dificuldade em reconhecer a cultura material como matriz e vetor de relações em uma subavaliação de seu papel social e conseqüentemente, contribui para a formulação de noções de cultura incapazes de assimilá-la na extensão de seus significados. Quer a cultura material seja vista como reflexo condicionado do pensamento ou do comportamento humano, quer como geradora espontânea de novas realidades físicas, o entendimento social fica seriamente prejudicado.

ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

As considerações que aqui expusemos, principalmente a partir desta análise elencada da cultura material, sem evocar outras tantas, se pode dizer que é útil estar pensando no processo deste estudo, como as comunidades tinham acesso aos produtos metropolitanos e como esses produtos eram ideologicamente utilizados pelos grupos que a eles tinham acesso.

Assim se faz útil relacionar uso social dos espaços e as evidências da cultura material (casa principal, senzala, galpão,

casa de agregados etc.), devendo-se correlacionar as evidências da cultura material do sítio tendo como perspectiva suas localizações geográficas, status de seus ocupantes e o possível uso ideológico da cultura material.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICA

- [1] BRANCANTE, Edino F. **O Brasil e a Cerâmica Antiga**. Ed. Ypiranga, 1981.
- [2] CALLIGARIS, Contardo. **Hello Brasil! Notas de um psicanalista europeu viajando ao Brasil**. 6^a Ed. São Paulo: Editora Escuta, 2000
- [3] CAMARGO, Fernando. **Britânicos no Prata – caminhos da hegemonia**. Série Ciência História, Passo Fundo: EDIUPF, 1996.

- [4] REDE, Marcelo. **História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material**. In: Anais do Museu Paulista. 1996, p. 265-282.
- [5] SYMANSKI, Luis Claudio. **Espaço Privado e vida material em Porto Alegre no século XIX**. Porto Alegre: EDIPUCRS. 1998.